

**NAS GARRAS DAS SERPENTES: UM ESTUDO ICONOLÓGICO DA PEDRA
RÚNICA U 629**

**IN THE CLAWS OF SNAKES: AN ICONOLOGICAL STUDY OF THE
RUNESTONE U 629**

*Leandro Vilar Oliveira*¹

Resumo: O presente artigo teve como objetivo analisar o simbolismo da serpente encontrado na pedra rúnica U 629, situada na Suécia. Nesse monumento encontra-se a intrigante representação de duas serpentes segurando pessoas pelas cabeças. Apesar de que imagens de serpentes sejam comuns nas pedras rúnicas, o exemplo da U 629 é singular por mostrar esse contexto. Diante disso realizamos um estudo de simbolismo para tentar compreender o que aquela imagem poderia ter significado. Utilizamos o método arqueológico de Bahn e Renfrew (2012) e estudiosos de simbologia. No fim, chegamos a quatro hipóteses a respeito.

Palavras-chave: Serpente, símbolo, pedra rúnica, Era Viking.

Abstract: This paper aimed to analyze the symbolism of the snake found in the runestone U 629, located in Sweden. In this monument is the intriguing representation of two snakes holding people by the heads. Although the image of snakes is common in runestones, the example of U 629 is unique in that it shows this context. Therefore, we carried out a study of symbolism to try to understand what that image could have meant. We used the archaeological method of Bahn and Renfrew (2012) and scholars of Symbology. In the end, we arrived at four hypotheses about it.

Keywords: Snake, symbol, runestone, Viking Age.

Introdução:

A pedra rúnica U 629 fica situada na Suécia, na atual província de Uppland, a região sueca com maior concentração de pedras rúnicas por metro quadrado. Estima-se que pelo menos 1.200 desses monumentos existam ali. (OLIVEIRA, 2020, p. 170). Apesar dessa grande quantidade de pedras rúnicas, a U 629 chama atenção pelos seus elementos iconográficos peculiares, os quais são alvo de estudo dessa pesquisa. Classificada como pertencendo a

¹ Doutor em Ciências das Religiões (UFPB). Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE), membro do Museu Virtual Marítimo EXEA. Email: vilarleandro@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8905-9727>.

periodização Pr3 (1045-1075 d.C.) de acordo com a catalogação proposta pela arqueóloga Annie-Sofie Gräslund (2006a, p. 126), a U 629 foi esculpida e gravada pelo mestre de runas Thorfastr, que gravou duas serpentes simétricas, uma cruz e uma ave.

O elemento de destaque neste monumento é a condição que as serpentes possuam garras e estejam segurando uma pessoa pela cabeça. Das várias pedras rúnicas existentes, especificamente nesta, nos deparamos com essa intrigante retratação. Por qual motivo aqueles animais estariam segurando dois humanos pela cabeça, como se mostrasse a ideia de estarem atacando-os? Essa indagação gerou este artigo, que consiste no resultado da nossa análise iconológica para tentar compreender o significado desses animais e pessoas capturadas por eles.

A metodologia de estudo consistiu em analisar alguns dos elementos iconográficos que compõem a pedra U 629, para isso recorreremos ao método arqueológico apresentado por Bahn e Renfrew (2012, p. 389-390), devido a condição do objeto de estudo tratar-se de um monumento. A metodologia apresentada por eles divide-se em seis etapas: 1) reconhecimento do local onde se encontra (ou encontrou) o símbolo; 2) características físicas (formato, tamanho, peso e o material usado); 3) a função do símbolo por uma perspectiva futura; 4) a função social; 5) a função religiosa, mitológica ou mágica; 6) os símbolos como arte de representação do mundo.

Além de adotar este método, também recorreremos a esclarecer nossa definição de símbolo, pois julgamos ser importante e central devido a condição que como o conceito de símbolo é complexo, possuindo várias linhas de interpretação, se faz necessário esclarecer qual destas linhas utilizamos, até porque dependendo do conceito ou autor adotado, a ideia do que seria símbolo altera-se.

Pensando nisso, recorreremos ao conceito do antropólogo Dan Sperber (1979, p. 5), que concebia o símbolo como qualquer coisa existente naturalmente ou concebida pela imaginação humana, provida de um ou mais significados, consistindo em construções abstratas as quais formam um sistema de códigos e informações, pelos quais a humanidade consegue se expressar e absorver informação. Complementando a fala dele, o antropólogo Clifford Geertz (2006, p. 66-67) destacava que o símbolo consistia na representação do *éthos* de um povo, e dessa forma apresentava ideias, valores, conceitos, emoções, sentimentos etc., os quais expressavam visões de mundo. Nesse sentido, Sperber e Geertz chamavam especial atenção

para a condição de que o símbolo é uma forma de linguagem, e a função da linguagem é a (in)formação, gerando inclusive novas interpretações e reutilizações devido a condição das línguas e culturas serem mutáveis.

Além desse significado básico sobre o que seria símbolo, também nos reportamos ao comentário do historiador Michel Pastoureau (2002, p. 437), ao dizer que os símbolos possuem vários significados, mudam de sentido ao longo do tempo e espaço, são maleáveis, permitindo serem reutilizados ou terem sentidos reinventados, que inclusive em alguns casos apresentam ideias contraditórias, em que um mesmo símbolo possa representar bem e mal ou perigo e proteção, por exemplo. Mediante a este suporte metodológico e conceitual, nas páginas seguintes realizamos nossa análise.

A pedra rúnica U 629

Pedras rúnicas consistiram em monumentos erigidos na Escandinávia entre os séculos V d.C. ao XII d.C. embora alguns exemplares foram feitos também na Inglaterra, Ilha de Man, Estônia e Rússia, devido à presença e ocupação nórdica nestes lugares. A função das pedras rúnicas era de serem monumentos memorialistas feitos para se homenagear os vivos ou os mortos, trazendo informações sobre alguma façanha, local de morte, elementos genealógicos ou consistindo apenas num epitáfio dedicado pela família. Antes do século X estas pedras basicamente continham apenas frases escritas no alfabeto rúnico. Já no século XI predominou as pedras contendo imagens e palavras. (JANNSON, 1987, p. 10).

Atualmente contabiliza-se que existam pelo menos 3 mil pedras rúnicas catalogadas, havendo a possibilidade de algumas estarem soterradas e outras terem sido destruídas no passar do tempo. Desse total de pedras rúnicas identificadas, 89% se concentra na Suécia, especialmente na província de Uppland. Somente na Suécia estima-se que haja 2.500 desses monumentos, na Dinamarca identificou-se 250 pedras e cerca de 50 na Noruega. As demais pedras rúnicas estão espalhadas por outros territórios visitados ou ocupados pelos nórdicos. (PRICE, 2015, p. 367).

Tais monumentos foram erguidos em distintas localidades como à beira de estradas, campos, pontes, cemitérios e terrenos de igreja, pois tratavam-se de lugares nos quais havia a circulação de pessoas, permitindo que a população tivesse contato com tais monumentos, pois

a função deles era preservar a memória pública dos homenageados, sendo necessário serem visíveis. (MARJOLEIN, 2013, p. 3-4).

Posto essas breves considerações, elas são necessárias para se entender a descrição física e geográfica da U 629, antes de adentrar sua análise simbólica. Essa pedra fica situada em Grynsta backe (ou Grystabacke), na colina de Svarsta, na freguesia de Håbo-Tibble, atualmente no município de Sigtuna, uma importante região de Uppland. A pedra está localizada nas terras da antiga fazenda de Yalby, distando alguns metros de uma estrada que conduz ao Sigtunafjärden (fiorde de Sigtuna). (WESSÉN; JANSSON, 1949, p. 62). A região continua bem arborizada e contendo poucas casas nas proximidades (Figura 1).

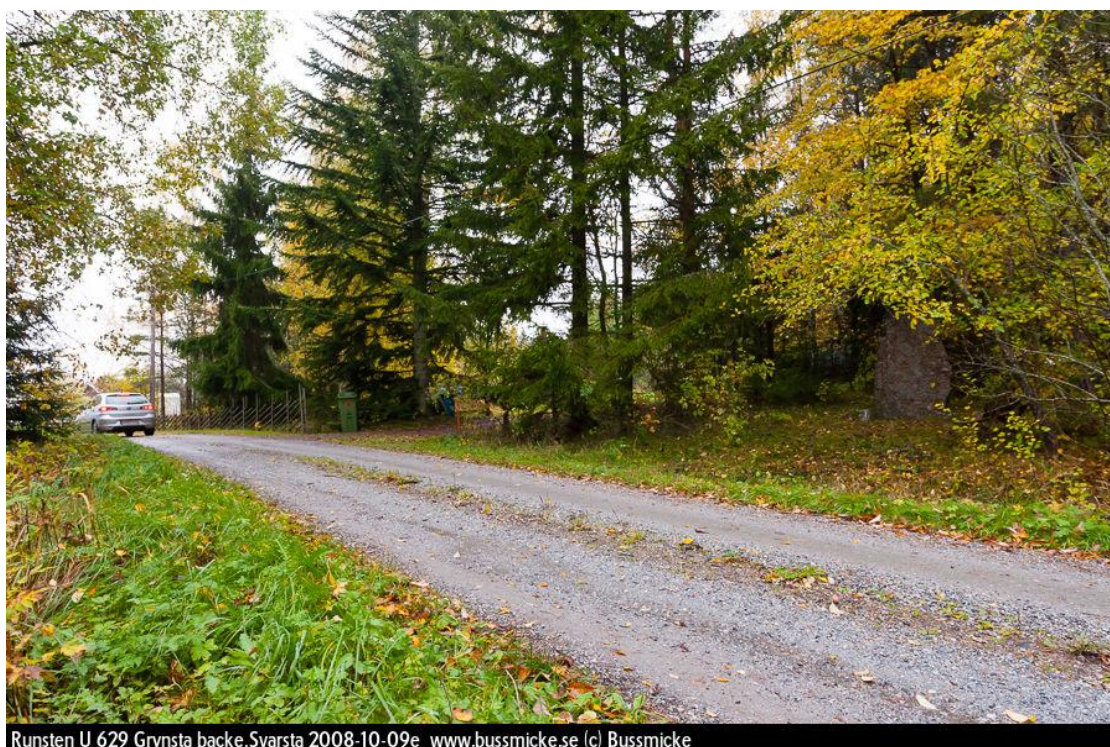


Figura 1: A pedra rúnica U 629 é visível de uma pequena estrada em Grynsta backe. Fotografia tirada em 2008. Fonte: <https://seguindopassoshistoria.blogspot.com/2019/09/pedras-runicas-preservando-os-feitos.html>.

Próxima da U 629 há uma placa de identificação e um banco para quem tenha interesse em se sentar ali e contemplar o monumento com quase mil anos de idade. Mas seguindo sobre suas descrições físicas como dita o método arqueológico apresentado por Bahn e Renfrew, essa pedra rúnica foi esculpida em granito, mas não apresenta um formato regular, pois em geral

os artesãos e mestres de runas nórdicos não esculpam blocos para se fazer esses monumentos, eles escolhiam uma rocha com uma superfície lisa e mais ou menos plana, para poder gravar as runas e as imagens. Fato esse que quase todo monumento deste possui formato diferente, alguns possuindo menos de um metro de altura e outros passando dos três metros.

No caso da U 629 suas dimensões são de 2,25 metros de altura e 1,15 metros de largura. Seu peso é desconhecido. Sua coloração atual é cinza da cor do granito. As cores utilizadas originalmente para destacar as runas e pintar as imagens não são mais visíveis. Inclusive se desconhece exatamente quais seriam essas cores. (MARJOLEIN, 2013, p. 332). Fotografias de 2008 apresentam o monumento contendo runas e figuras realçadas com tinta vermelha, além de que a pedra estava com manchas de desgaste e sujeira, como também já exibia algumas bordas quebradas. Já em fotografias de 2014, a U 629 aparece em melhor estado de conservação, já livre das manchas (Figura 2).



Figura 2: A pedra U 629 em fotografia do ano de 2014. Na imagem podemos ver que a pedra fica situada num bosque, havendo uma placa de identificação e um banco na proximidade. Fonte: https://bussmicke.se/Bildgalleri/Fornlamningar/Runinskrifter/Upplands_runinskrifter/U_629_Svarsta/index.html.

A autoria do monumento é creditada ao mestre de runas Thorfastr, artesão pouco conhecido, que viveu no século XI em data incerta. Também não se sabe exatamente sua procedência, pois alguns desses mestres advinham de outras localidades, mudando-se para os grandes centros atrás de emprego. E Uppland como foi um centro artesanal para a produção de pedras rúnicas, vários desses mestres foram contemporâneos. Além da U 629 o nome de Thorfastr vigora como sendo autor também da U 599, em Hanunda, ao nordeste de Uppland².

Antes de adentrarmos a descrição visual das imagens contidas na U 629, sublinhamos que se trata de um monumento cristão. A pedra possui a presença de uma cruz além de fazer referência a Deus, como pode ser lido na transcrição a seguir:

Tabela 1: inscrição da pedra rúnica U 629.

Nórdico antigo
Illugi ok Fullugi þeir létu reisa stein þenna eptir fǫður sinn Arngísl. Guð hjalpi anda hans. Þorfastr risti rúnar ³ .
Português
Illugi e Fullugi, eles tiveram essa pedra levantada em memória de seu pai Arngísl. Que Deus ajude sua alma. Thorfastr esculpiu as runas. (tradução nossa)

Como salientado, as pedras rúnicas trazem textos pelos quais informam algo relativo ao motivo por qual elas foram erguidas. Em geral consistem em motivos memorialistas de caráter póstumo. No caso da U 629 percebe-se que se trata de uma homenagem póstuma, uma espécie de epitáfio no qual os dois filhos de Arngísl mandaram esculpir essa pedra para honrar a memória do pai. E para completar eles rogavam que Deus o ajudasse. Pela condição de haver uma cruz e essa menção a Deus, tudo indica que pai e filhos devessem ser cristãos, pois há casos que nem sempre todos os membros eram da mesma religião.

É importante ressaltar que no século XI, a existência de pedras rúnicas com motivos cristãos na Suécia, não era algo incomum, pois na segunda metade daquele século já existiam

² A U 599 em termos iconográficos é bem distinta da U 629, pois temos a presença de serpentes que se emaranham pela cauda e pescoços, há uma ave na parte superior, mas ao centro da pedra há um pequeno cavaleiro.

³ Essa transcrição do texto foi retirada do *Runic Dictionary*. Fizemos a tradução a partir da versão em língua inglesa contida no site. Disponível em: <https://skaldic.abdn.ac.uk/db.php?id=17451&if=runic&table=mss>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

dois bispados no reino, além de que alguns reis já haviam promovido a cristianização. (OLIVEIRA, 2020, p. 170).

Apresentadas essas informações físicas sobre o monumento, a menção ao seu autor e o conteúdo do que se encontra escrito na pedra, veremos uma descrição de suas figuras. A U 629 apresenta duas serpentes rúnicas simétricas, o que revela que os dois animais possuem o mesmo formato, tamanho e aparência. A diferença é a posição de suas patas e o que elas seguram em cada uma. Dentro do corpo destes animais encontram-se as runas cujo texto foi apresentado acima.

As caudas dos animais são unidas por um arranjo em formato anelar que apresenta um ornamento de ponta de lança e conecta-se com a cruz logo abaixo. Por sua vez a cruz é pequena e encontra-se entre as caudas dos animais, além de estar sobre uma ave não claramente identificada, pois dependendo do autor poderia ser uma águia ou um galo, algo que debatemos adiante. No caso dessa ave, ela encontra-se sobre os apêndices que saem de traz das cabeças das serpentes. Além disso a ave parece olhar para baixo. Por fim, o mais peculiar na imagem é a condição de haver duas pessoas presas nas garras de cada criatura (Figura 3).



Figura 3: A pedra rúnica U 629. Fonte: <https://kulturbilder.wordpress.com/2013/07/28/runstenar-uppland-u-629/>.

Análise simbólica

Como o nosso alvo de interesse são as serpentes e as figuras humanas em suas garras, se faz necessários algumas rápidas explicações a respeito. Embora serpentes não possuam patas, na iconografia escandinava e até de outros povos medievais europeus, existem relatos de serpentes possuindo membros. Não sendo incomum encontrar esse tipo de representação. (KLINGENDER, 1971; MANDT, 2000; HUPFAUF, 2003).

Além disso, a Arte Nórdica da Era Viking não costumava representar os animais de forma realista, fato esse que representações de aves são um problema, pois nem sempre é fácil distingui-las. Mas além das aves, animais como cavalos, lobos, cães e leões também não são fáceis de serem identificados devido a essa falta de realismo. (WILSON; KLINDT-JENSEN, 1966).

Outro dado a ser exposto é a condição de que o dragão na Escandinávia necessariamente nem sempre possuía patas ou asas. Sua imagem variou ao longo da Antiguidade ao final da Era Viking (sécs. VIII-XI). Assim, possuímos dragões sendo representados como vermes, centopeias, serpentes com ou sem patas, para finalmente chegar à imagem mais habitual que possuímos no Ocidente dessas feras, as quais são retratadas com quatro patas e duas asas (LANGER, 2015, p. 138-139). Sobre essa variedade de formas que o dragão escandinavo possui, Stephen Mitchell (2019, p. 115) destaca que nas narrativas a serpente (*orm*) e o dragão (*dreki*) fossem considerados como sinônimos, condição essa que se criou nos últimos anos o neologismo *drakorm* para se referir a serpente-dragão, devido a ambos os animais serem praticamente idênticos por se tratar de uma grande serpente.

Mas além do dragão apresentar essas variações de aparência, a própria representação das serpentes também é bem diversa na arte nórdica. Lotte Hedeager (2011, p. 85-86) salienta que a imagem de serpentes consista em um dos animais mais comuns presentes na arte nórdica da Antiguidade ao Medievo, suscitando várias interpretações do porquê essa criatura ser tão marcante entre os motivos artísticos. Neste ponto, temos serpentes representadas com cabelo, chifres, orelhas, patas e até asas, o que revela a variedade de características agregadas a esse animal.

Sendo assim, a condição de aparecer serpentes com patas nas pedras rúnicas é problemática, pois não se sabe se seriam interpretadas em sua época como serpentes ou

dragões. Ou não haveria necessidade dessa distinção, como hoje costumamos fazer. Por conta disso, optamos em tratar esses animais sendo serpentes com patas.

Posto isso, falta comentar um pouco sobre o significado simbólico das serpentes. Apesar de o senso comum normalmente associá-las a algo ruim, negativo e maléfico, as serpentes estão entre os animais com o simbolismo mais diversos que se conhece. E essa diversidade de significados se revela até mesmo contraditória.

Esses animais estavam associados com a vida e a morte, a criação e a destruição, a cura e a doença, o mundo dos mortos (celeste e ctônico), sabedoria e mentira, fertilidade, fecundidade, virilidade, os órgãos sexuais, a proteção, a guarda de segredos, a ressurreição, a regeneração, fenômenos celestes (arco-íris, cometas, raios), astros (sol, lua e estrelas), o zodíaco, os elementos naturais (água, fogo, terra, ar, metal, madeira), a adivinhação (tarô, oniromancia, cartomancia), figuras de linguagem, o tempo (ouroboros), a heráldica, meios de transporte, signos de poder, artes, propagandas, símbolos do Gnosticismo, da Alquimia, do Esoterismo, do Ocultismo etc. (CIRLOT, 1971; COOPER, 1982; MUNDKUR, 1983; CHEVALIER & GHEERBRANT, 1986; LURKER, 1987; HANDY, 1992).

Nota-se a gama de possibilidades de sentidos atribuídos as serpentes, mas quais seriam os significados existentes dentro da cultura nórdica? Da mesma forma que as serpentes apresentam sentidos diversos e até ambíguos entre outras culturas, no caso escandinavo isso não foi diferente. Dentre seus vários significados encontram-se serpentes simbolizando perigo, castigo, morte, sofrimento, o submundo, sagacidade, conhecimento, intimidação, bravura, força, espada, lança, ferimento, proteção, fertilidade, fecundidade etc. (GRANDT, 2000, p. 1-7; OLIVEIRA, 2017a, p. 70-77; MITCHELL, 2019, p. 117-120).

E diante dessa riqueza de exemplos damos início a nossa interpretação, primeiro citando dois autores que fizeram alguns comentários sobre essa pedra rúnica. No volume 8 do catálogo de pedras rúnicas intitulado *Upplands Runinskrifter*, editado por Elias Wessén e Sven B. F. Jansson (1949, p. 64-68), temos as seguintes informações sobre a U 629: os autores citam relatos antigos da Idade Moderna, que dizem que seriam dois dragões segurando crianças ou adultos; a ave seria um falcão ou uma águia. Tais citações que datam dos séculos XVII e XVIII, não apontam uma interpretação simbólica para essa imagem. Os próprios autores encerram o comentário sobre a U 629 dizendo achar se tratar de um monumento interessante, mas também não apresentaram uma interpretação simbólica a respeito.

Ricardo Oliveira (2016, p. 63) ao fazer uma breve interpretação da U 629 sugeriu que os dois répteis ali representados seriam dragões, propondo que eles poderiam ser uma referência a Nidhogg, uma serpente-dragão que é mencionada na *Edda Poética* nas estrofes 38 e 62 do poema *Völuspá* (Profecia da Advinha) e na estrofe 33 do poema *Grimnismál* (Cantar de Grimnir). O dragão também é referido no capítulo 52 do *Gylfaginning* da *Edda em Prosa*.

Usamos o termo serpente-dragão (*drakorm*) devido a condição que esse monstro ora é descrito como uma grande serpente que habita o submundo ao lado de outras serpentes, as quais roem as raízes da Yggdrasil (*Grimnismál* 33), mas também é mencionado viver em Náströnd (*Völuspá* 38, *Gylfaginning* 52), um dos mundos dos mortos, onde ele “chuparia” os cadáveres. Além disso, na estrofe 62 do *Völuspá*, Nidhogg é mencionado como tendo asas e garras, o que lhe concede uma imagem habitual de dragão que possuímos. (OLIVEIRA, 2017b, 194-195).

Com base neste breve comentário sobre a serpente-dragão Nidhogg, apresentado algumas de suas características, Ricardo Oliveira (2016) assinala que no topo da Yggdrasil existe uma águia gigante, a qual faz contraponto a Nidhogg, que se localiza no subterrâneo, roendo as raízes (*Grimnismál* 33). Para ele, os “dragões” e a ave da U 629 poderiam ser alusões a esse mito. Langer, Oliveira e Ferreira (2018, p. 147) também cogitaram essa interpretação.

A ideia dos autores é interessante, mas há alguns detalhes a serem ponderados. Na pedra de U 629 não há nenhuma referência a árvore Yggdrasil. Além disso, Nidhogg devoraria os mortos que iriam à Náströnd, no entanto, menciona-se apenas os homens indo para lá, e na imagem temos um homem e talvez uma mulher. Porém, no final do poema do *Völuspá*, o dragão Nidhogg é descrito como tendo asas e carregaria os mortos em suas garras, descendo por um sombrio vale. Neste caso, não existe uma diferença de sexo em respeito aqueles que ele transportaria. Um dado que poderia corroborar a hipótese dos autores mencionados. Porém, ressaltamos que os autores em suas curtas análises sobre a U 629 não levaram em consideração os simbolismos cristãos nessa pedra, os quais nos fornecem outra perspectiva de interpretação. Sobre isso comentamos a seguir.

As duas figuras humanas são consideradas como sendo um homem e uma mulher, e no caso da mulher, os estudiosos baseiam esse argumento pela condição de essa figura estar usando o que poderia ser um vestido. Entretanto, o vestido parece um tanto curto nesta

imagem, diferente do vestido longo que chega até mesmo em alguns casos a arrastar a bainha no chão. Na figura vista na U 629 aparenta que o traje se encontra na altura das panturrilhas. No intuito de esclarecer esse pequeno detalhe que pode fazer a diferença em nossa interpretação, recorreremos ao exemplo da pedra gravada de Stora Hammars I (sécs. VIII-IX), que é bastante conhecida dentro do grupo destes tipos de monumentos (ver figura 4).



Figura 4: Detalhe de duas cenas da pedra gravada de Stora Hammars I. Fonte: <https://realviking.info/stora-hammars/>.

No caso, destacamos essa escolha pela condição de que as figuras humanas apresentadas nessa pedra, muitas trajam um tipo de túnica que lembra bastante a vestimenta da suposta mulher encontrada em U 629. Por sua vez, a única figura feminina identificada nesse monumento, traça um longo vestido. Além desse exemplo com a Stora Hammars I, destacamos a condição que pingentes femininos dos séculos IX e X, que são considerados como sendo representações de valquírias, esses apresentam as mulheres usando longos vestidos que deixam apenas os pés amostra. Complementando a escolha desses objetos de comparação, mencionamos as pedras rúnicas Gs 2 (Pr2), G 114 (Pr4?) e U 595 (Pr3?), onde nesses

monumentos eles apresentam figuras humanas as quais estão aparentemente nuas ou quando aparecem vestidas, trajam um tipo de túnica que fica na altura do joelho. Veste essa que lembra a encontrada na U 629. (ver figura 5).



Figura 5: *Cima: dois pingentes femininos associados a valquírias, datados do século IX-X. Abaixo à esquerda, a Gs 2 e à direita a G 114, ambos monumentos datados do século XI. Imagem produzida pelo autor com base no banco de imagens da Wikipédia Commons.*

Por tais comparações fica difícil confirmar que uma das pessoas na U 629 seria uma mulher, já que em outras representações femininas da Era Viking, apresentam mulheres trajando longos vestidos, enquanto os homens aparecem nus ou usando túnica. Entretanto não descartamos essa possibilidade, pois as duas pessoas que aparecem na pedra rúnica, uma está nua e a outra vestida. Se a ideia foi representar dois homens, por qual motivo distingui-los dessa forma? Será que realmente como apontado pelos autores supracitados, seria uma mulher que foi gravada de forma diferente? Decidimos não descartar essa possibilidade. Com isso propusemos as seguintes hipóteses.

A Suécia do século XI estava em processo de conversão adiantado, havendo igrejas naquele território desde o século IX. Logo, referenciais bíblicos não seriam totalmente

desconhecidos da população. Ainda mais pela condição de que a região de Uppland, local onde a U 629 se situa, fosse um centro cristão daquele reino.

A conexão entre as pedras rúnicas e o Cristianismo é claramente testemunhada pela grande quantidade de pedras decoradas com cruzes; em Uppland há cruzes em mais de 50 por cento das pedras. As cruzes parecem ser mais frequentes nos grupos de estilos anteriores, talvez indicando que era mais importante mostrar a fé cristã no início da conversão do que no final. Muitas inscrições terminam com uma simples oração: “Que Deus ajude sua alma”. Em alguns casos, há orações mais elaboradas como “Que Deus e a mãe de Deus ajudem o seu espírito e a sua alma e concedem-lhe a luz e o Paraíso”. (GRÄSLUND; LAGER, 2008, p. 634, tradução nossa).

Além disso, ressalvamos a condição de que a U 629 seja uma pedra com elementos cristãos: a cruz e o epitáfio que cita Deus. Levando em consideração tais características propusemos para primeira hipótese de interpretação simbólica, que as duas pessoas retratadas nesse monumento poderiam ser uma referência ao casal primordial segundo a tradição judaico-cristã (ver figura 6).

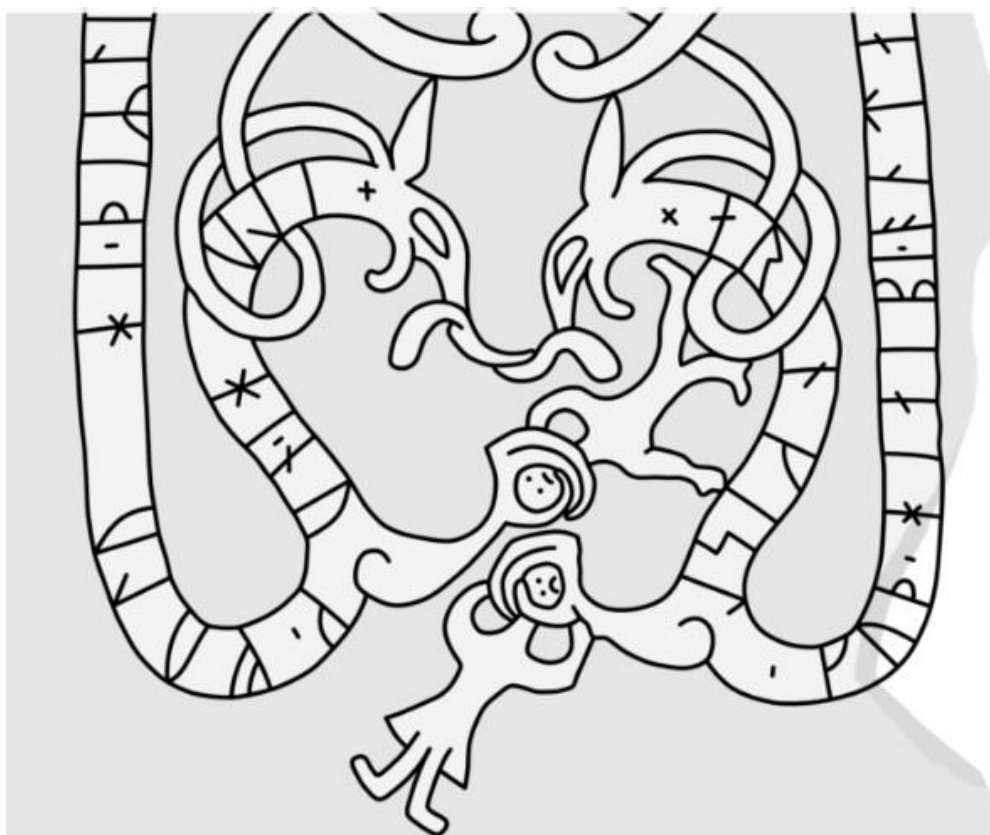


Figura 6: Detalhe da pedra rúnica U 629 com as duas serpentes segurando as pessoas em suas garras.
Fonte: <https://jonaslaumarkussen.com/illustration/runestone-u-629/>.

Em *Gênesis* 3:6 é narrado que Eva enganada pela serpente, tomou o fruto proibido e o repartiu com Adão. Com isso ambos cometeram o Pecado Original, levando a ira de Deus que os baniu do Éden. A partir dessa narrativa bíblica fazemos um paralelo com o contexto da U 629, em que sugerimos que aquelas duas pessoas, caso sejam homem e mulher, poderiam representar Adão e Eva no sentido de servirem de lembrete aos cristãos sobre as consequências de se desobedecer a Deus.

Julie Lager (2003) salienta que é praticamente impossível saber como ocorreu e se desenvolveu o processo de cristianização da Suécia, como a conversão e a catequese eram efetuados, embora saibamos que missões evangelizadoras ocorressem naquele território desde o século IX, pelo menos. No entanto, a autora sublinha que a Suécia, a Dinamarca e a Noruega eram vinculadas as missões do Bispado de Hamburgo-Bremen na Alemanha, referência no norte da Europa. Condição essa que existe documentação dos séculos XI e XII remetendo troca

de correspondência do clero escandinavo com o clero alemão. Dessa forma, os suecos do XI que estavam em processo de cristianização não estariam totalmente a parte dos preceitos básicos do Cristianismo, já que elementos dessa religião já estavam sendo difundidos nos últimos duzentos anos, mesmo que de forma irregular. Diante disso, não temos evidências conhecidas de referências a Adão e Eva datadas do século XI⁴.

Sobre isso, Hilário Franco Jr explicou que entre os séculos XI e XIII, a imagem de Adão e Eva começou a se popularizar na Europa cristianizada, tornando-se exemplo para explicar virtudes, mas também o perigo e consequência do pecado. A respeito ele escreveu:

A história de Adão e Eva explicava a origem do gênero humano, do casamento, da sexualidade, da família, do trabalho, da doença, da morte, da dor, da esperança. Como a percepção de todos esses fenômenos sociais, fisiológicos e psicológicos se dá de acordo e observado por milhões de pessoas, não era uma figura imutável, fixada pelos textos e pela tradição. Era a presentificação de um protótipo. Em Adão estavam contidos e prefigurados toda grandeza e toda fraqueza, todas virtudes e todos os vícios. Na sua trajetória da glória à perdição e novamente à glória, Adão sintetizava a história humana. (FRANCO JR, 1997, p. 21-22).

Neste intuito, o autor do monumento talvez tenha decidido retratar essa consideração religiosa. Dessa forma, quando outros cristãos se deparassem com este monumento poderiam associar aquele casal com Adão e Eva e recordar que eles foram enganados pela serpente e assim pecaram. Neste ponto é preciso salientar que a difusão de pedras rúnicas com temáticas cristãs ajudava na cristianização daquelas terras à medida em que inseria símbolos, conceitos e ideias no cotidiano e mentalidade daquelas populações. (WILLIAMS, 1999, p. 63-65; LAGER, 2003, p. 503-505).

Para poder melhor respaldar essa hipótese é preciso compreender como as pessoas daquele tempo pensavam, que no caso, é algo diferente da nossa forma de pensar hoje em dia.

O historiador Hilário Franco Jr (2008, p. 4-5) assinala que a população europeia medieval não se valia do pensamento lógico que atualmente estamos habituados a utilizar em vários lugares do mundo, embora ele já existisse naquele período. Na Europa medieval, vários povos utilizavam o pensamento analógico por considerar que todo o universo estivesse

⁴ Adão e Eva são retratados numa porta ornamentada da Igreja de Väversunda na Suécia, datada da segunda metade do século XII; eles também aparecem em pinturas da Igreja de Köpinge e da Igreja de Härkeberga, embora datem do século XV, mas ambas ficam na Suécia. Além disso, podemos citar o caso de o casal ser mencionado no prólogo da *Edda em Prosa* (XIII), apesar de ser uma obra escrita na Islândia.

conectado de alguma forma. Assim, palavras, cores, pessoas, animais, plantas, lugares, gestos, formas, ideias, direções, horas, partes do corpo etc., fariam algum tipo de analogia direta ou indireta, expressando semelhanças, diferenças, paradoxos, modelos positivos ou negativos, além de atribuir qualidades, atributos e limites.

A partir desse pensamento analógico, Franco Jr (2013, p. 13-14) salientava que os povos medievais tinham a ideia de que determinadas coisas, seres, palavras, objetos, formas, animais etc., agiriam de alguma forma recíproca, positivamente ou negativamente. Essa concepção foi usada pela medicina, filosofia, religião, artes, e partia do princípio que coisas semelhantes se atraem e coisas diferentes se repelem, porém, mesmo o semelhante pode ter um intuito de repelir também. Por exemplo, a condição de haver gárgulas e dragões nas fachadas de igrejas não consistia num fator estético, até porque em geral tratavam-se de figuras horrendas, mas teriam a função apotropaica (para fins de proteção) de espantar o mal e de servir de aviso (*exempla*), lembrando aos cristãos para terem cuidado com as ameaças do Diabo. A respeito, Franco Jr também escreveu sobre o papel do uso das imagens para a doutrinação moral religiosa, ao dizer que:

Ora, a imagem é uma expressão plástica não apenas do literário, mas de todo o enquadramento sociocultural que engendra o literário. Inclusive, é claro, da oralidade, que desempenhava um papel fundamental na Idade Média. Como se observou, os autores medievais levavam a sério as tradições folclóricas, e por isso é importante considerar as narrativas da época como sendo transmissões tanto orais quanto literárias. [...]. Mas as representações iconográficas destinadas a serem consumidas sobretudo pela massa de leigos incorporavam quase sempre certa quantidade de dados folclóricos. É o que acontecia, por exemplo, com tímpanos ou claustros de igrejas de peregrinação. Se o recurso aos elementos folclóricos fazia parte da estratégia eclesiástica de evangelização espiritual e de manutenção do domínio social, não podemos esquecer que o próprio clero como membro daquela sociedade também estava impregnado de cultura folclórica. (FRANCO JR, 1996, p. 176).

Neste sentido, nossa hipótese sobre Adão e Eva se encaixaria dentro dessa perspectiva analógica medieval em se utilizar determinadas imagens religiosas para transmitir informações aos observadores⁵. No caso da U 629 por sua condição de ser um monumento com elementos cristãos, optamos em interpretar aquelas duas pessoas como sendo uma

⁵ Hilário Franco Jr publicou um artigo intitulado *A serpente, espelho de Eva: iconografia, analogia e misoginia em fins da Idade Média* (2020), no qual analisou o simbolismo de Eva, Adão e da serpente na Baixa Idade Média, mostrando que foi um tema popular entre alguns autores.

referência ao casal original segundo apresentado na *Bíblia*. Porém, se tomarmos em consideração que talvez não seja um homem e uma mulher, mas dois homens, propusemos uma segunda hipótese, a qual também se baseia nessa perspectiva do pensamento analógico como salientando a partir da fala de Franco Jr.

A hipótese 2 é parecida com a primeira, a principal diferença é que ao invés de considerarmos que as duas figuras humanas são um homem e uma mulher, consideraremos que ambas sejam homens, logo, não poderiam se encaixar na ideia da hipótese 1 de ser uma representação de Adão e Eva. Retirando essa diferença, a ideia de que serpentes segurando aquelas pessoas pela cabeça poderia ter uma mensagem de alerta é mantida. Tais animais nessa pedra podem estar simbolizando o Diabo ou o pecado.

Embora a iconografia do Diabo ainda estivesse em desenvolvimento no século XI, nesse tempo a relação dele com a serpente já existia. Agostinho de Hipona (354-430) e Beda, o Venerável (672-735), foram alguns dos teólogos que associavam as serpentes como significando pecado, traição, perigo, punição, morte e maldade, baseando-se na *Bíblia* para isso. (BALL, 2017). Entretanto é preciso salientar que nem sempre essa conotação negativa estava associada as serpentes, por exemplo, as edições do *Fisiólogo*⁶ escritas na Alta Idade Média (sécs. V-X), apresentavam a serpente como um animal virtuoso, além de ser elogiada por sua sabedoria, algo que remete a *Mateus* 10:16, em que a serpente é tida como animal prudente ou sábio.

De qualquer forma, é perceptível que essa imagem benéfica como consta no *Fisiólogo* não se aplica ao contexto a U 629, pois é visível que os dois humanos capturados pelas serpentes apresentam reação de pavor, pois nota-se pelos braços erguidos, os quais tocam as garras dos animais, a ideia de que as pessoas estariam tentando se libertar. Sendo assim, a sugestão de que essas serpentes estariam punindo essas pessoas. Inclusive na *Bíblia* existem várias passagens como *Números* 21: 4-9, *Isaías* 14:29, *Jeremias* 8:17, *Amós* 5:19 e *Jó* 20:16 nas quais serpentes foram usadas para castigo.

⁶ Consistiu num popular livro de simbolismo animal oriundo talvez no século II d.C em Alexandria. Nos séculos seguintes várias versões dessa obra com conteúdo diferente e autoria anônima foram surgindo em distintos países e idiomas. A obra unia explicações simbólicas de animais reais e fantásticos a partir de um viés judaico-cristão. (PHYSIOLOGUS, 2009, p. xvii-xxiv).

Tomando o pensamento analógico comentado anteriormente, em que determinadas figuras teriam uma função de instrução, os cristãos ao verem aquela cena poderiam associá-la com a ideia de terem cuidado com o pecado, pois esse os captura e Deus pune os pecadores. Essa percepção também é reforçada com a presença da ave acima das serpentes.

Tanto para a hipótese 1 quanto para a hipótese 2, a fim de reforçá-las se faz necessário destacar os significados simbólicos dessa ave, mas antes de procedermos para esse, temos que esclarecer se tal animal seria uma águia ou um galo, pois os galos também possuem simbolismos cristãos. Sobre isso, Gräslund (2021, p. 179) analisou a presença dessas aves em algumas pedras rúnicas, chegando a citar a U 629. Em seu estudo, a arqueóloga menciona que o galo no Cristianismo representaria o Sol, o despertar, o amor, a longa vida, o renascimento e a imortalidade. Aspectos que coadunam com características associadas ao próprio Jesus Cristo.

Stern Marjolein (2013, p. 156) salienta que a maioria das aves representadas nas pedras rúnicas seriam corvos ou águias, embora note-se a presença de outras aves que são consideradas como sendo cisnes, corujas e galos. Em geral a águia é retratada tendo o bico levemente encurvado em formato de gancho, por sua vez, os galos são representados com caudas mais amplas e possuindo crista. Vejamos uma breve comparação com imagens de galos e a ave da U 629 (Figura 6).



Figura 7: Na primeira imagem à esquerda temos um galo como encontrado na pedra U 448, ao lado encontra-se o esboço do galo encontrado na pedra Gs 2. E na direita a ave da U 629. Fonte: produzido pelo autor com uso do banco de imagens da Wikipédia Commons.

A duas aves vistas nas pedras U 448 e Gs 2 apresentam caudas bem amplas, asas mais curtas e sobretudo, ambos possuem cristas, mesmo que essas sejam apresentadas de forma diferente. Já a ave da U 629 possui cauda em forma de leque, mas tem o bico curvo e não possui crista. Diante disso consideramos que possa ser uma águia, como proposto por Wessén e Jansson (1949, p. 68), Oliveira (2016, p. 63) e Langer, Oliveira e Furlan (2018, p. 146). A própria Gräslund (2021, p. 187) também comenta que a representação dessa ave apareça de forma dúbia, gerando dúvida se seria uma águia ou um galo. Para endossar o comentário de Gräslund reproduzimos a figura 8.



Figura 8: Exemplos de broches em forma de ave (talvez uma águia), datados do século X, achados na Dinamarca. Fonte: <https://www.patreon.com/posts/creating-three-82451228>.

Observa-se com base na figura 8 como essas supostas águias são parecidas com a ave da U 629, mais do que as aves da U 448 e Gs 2, o que sugere a probabilidade de realmente ser uma águia. Dessa forma, salientamos que a águia possui um simbolismo bem diverso, mas nos ateremos aos significados cristãos associados a ela. Por ser um animal que voa alto, a águia está associada com Deus, Jesus e até o apóstolo João, pois remeteria a capacidade de lá de cima ela dispunha de uma ampla e longínqua visão, alcançando a todos. Tal característica era usada analogicamente para expressar a capacidade de Deus de poder enxergar todas as pessoas. Até mesmo João Evangelista ganha essa capacidade devido a sua inspiração para ter escrito vários

dos livros do Novo Testamento, o que revelaria ele como um “homem de visão”. Além disso, a condição da águia voar alto, a coloca mais próxima do Paraíso. Não obstante, ela também se associaria a Jesus por seus simbolismos de representar bravura, imponência, nobreza, aspectos solares, ressurreição etc. (CIRLOT, 1971, p. 91-93; SAX, 2001, p. 103).

Todavia, Cooper (1982, p. 58) chama atenção para destacar que entre diferentes povos existe a representação da águia confrontando a serpente⁷, o que poderia significar o conflito entre o celeste e o terreno (ou ctônico), entre a luz e as trevas, entre o bem e o mal. Tomando tais características apontadas por Cooper, encontramos paralelo com o contexto da U 629, em que a águia aparenta estar a observar as serpentes aprisionando os humanos em suas garras e isso poderia ser uma alegoria para que Deus estivesse observando os pecados da humanidade, mas se as pessoas forem fiéis, elas ainda poderiam ser salvas, mas se isso não ocorresse, elas estariam fadadas a condenação eterna no Inferno.

Além dessas ponderações, sugerimos uma terceira e última hipótese, a qual reúne fatores cristãos e nórdicos para concebê-la. Neste sentido, tratamos as serpentes não como sendo representações do Diabo, do pecado ou de Nidhogg, mas como sendo serpentes guardiãs. Com isso, essas feras tornam-se símbolos apotropaicos, os quais possuem a função de proteção e afastar ameaças e o mal. Sobre esse fator de apotropia ele foi comentado anteriormente quando falamos da função das gárgulas e dragões em igrejas medievais. Essa ideia não era exclusiva aos cristãos, a apotropia é uma prática comum entre diferentes povos do mundo, fazendo uso de objetos, animais, plantas, signos, símbolos, palavras, orações etc., para conceber algum tipo de proteção.

No contexto escandinavo distintos estudiosos cogitaram que os nórdicos medievais possuíssem essa noção de apotropia também. Kristoffersen (1995, p. 11) em seu estudo sobre a arte animal durante o Período das Migrações Nórdicas (sécs. V-VI), ele sublinhava que possivelmente animais presentes na joalheria, elmos, escudos e armas poderiam conter algum tipo de uso apotropaico. Pois povos vizinhos como os germanos e celtas já apresentavam essa crença mágico-religiosa, que inclusive foi legada aos povos cristianizados.

⁷ Rudolf Wittkower publicou em 1939 um artigo intitulado *Eagle and Serpent: a study in the migration of symbols*, em que abordou de forma mais detalhada a relação simbólica desses dois animais, embora ele concedeu maior atenção ao simbolismo da águia.

No caso da serpente alguns estudiosos também apontam que esse animal apesar de possuir um simbolismo de caráter negativo, representando perigo, sofrimento e morte, na cultura material e na arte a serpente teria outros significados. Nesse sentido, Mandt (2000, p. 2-4) destacava que esse animal poderia ter tido uma função apotropaica associada com a proteção das mulheres. Ele cita o exemplo da utilização de amuletos em formato de cobra para proteger as grávidas. A partir dessa ideia, Gräslund (2006b, p. 126) sugeriu que o uso de amuletos e broches em formato ofídico teria alguma função mágica ligada a ideias de proteção. A autora cogita que a serpente poderia estar associada nesse contexto para fins de boa sorte ou algum tipo de proteção, pois ela recorda que havia a crença de que serpentes ajudariam a proteger as mulheres durante a gravidez e o parto, como salientado por Mandt.

Outro exemplo bem mais evidente da serpente como símbolo apotropaico reside na crença sobre a serpente do lar, prática essa existente entre distintos povos os quais acreditavam que espíritos ofídicos habitariam a residência, e se fossem alimentados e cuidados, eles concederiam proteção, boa sorte e prosperidade a família e sua terra. Na Suécia medieval essa crença teria existido como apontam relatos de autores cristãos que criticavam que mesmo passados séculos de cristianização no país, algumas pessoas ainda acreditavam nesses espíritos domésticos (LECOUTEUX, 2013, p. 14-15).

Mas além dessas características apotropaicas atribuídas a serpente do lar, entre alguns povos europeus estes animais também estariam associados com a proteção dos mortos, algo visto entre os gregos, romanos e etruscos, em que se encontram relatos e até imagens de serpentes em túmulos e tumbas (LURKER, 1987, p. 8459; HOSTETLER, 2007, p. 207-208). Essa crença também foi encontrada entre povos de origem germânica, como os anglo-saxões, sendo visível em alguns túmulos (THOMPSON, 2004, p. 134-135).

Devido ao contato dos nórdicos com a cultura greco-romana através dos germânicos e celtas, e posteriormente o contato direto dos nórdicos com os anglo-saxões, não seria impossível que essas crenças vistas nestes outros povos fossem desconhecidas ou não teriam tido algum tipo de influência. Diante disso, a terceira hipótese seria dizer que as serpentes que aparecem na U 629 poderiam atuar como símbolos apotropaicos no intuito de proteger a alma de Arngísl contra algum tipo de ameaça. E pela condição de que ele teria sido cristão, essas ameaças incluiriam demônios ou espíritos maléficos que poderiam agir de alguma forma para impedir que sua alma pudesse chegar ao Paraíso.

Philippe Ariès (2008, p. 54) cita o exemplo de um epitáfio numa lápide romana do ano de 515, no texto pedia-se a ajuda dos santos para afastar as fúrias e tormentos do Inferno. O autor observa que o epitáfio nesse caso agia também como um meio apotropaico para salvaguardar a alma daquele cristão falecido. Também a respeito, Minois (2005, p. 166-167) comentou a existência de orações cristãs pelos mortos e o uso de epitáfios rogando a ajuda de Deus, Cristo, Maria e dos santos para proteger suas almas durante a viagem ao Paraíso, pois havia o medo que algo de errado pudesse ocorrer e a alma fosse desviada de seu caminho.

Neste ponto, recordamos que no epitáfio da U 629, Illugi e Fullugi rogam para que Deus ajudasse a alma do pai deles. Essa característica encaixa-se na ideia de os cristãos medievais recorrerem a epitáfios, orações e outras formas apotropaicas para resguardar-se em vida e até depois da morte como destacado por Ariès e Minois. Por tal condição, acreditamos que as serpentes também poderiam estar agindo nesse sentido de proteção, como um alerta a possíveis ameaças para que ficassem longe da alma de Arngísl. Aqui nos referimos a princípio do pensamento analógico salientado anteriormente, no qual poderia se utilizar imagens de monstros para repelir ameaças.

A respeito, Sven Jansson (1987, p. 106-111) sublinhou que em algumas pedras rúnicas encontravam-se palavras como “caminho” e “ponte”, para o autor isso corresponderia a ideia de que tais monumentos teriam uma utilidade mágico-religiosa também, ajudando a guiar os mortos. Lund (2005, p. 120-121) também assinala esse possível uso das pedras rúnicas como pontos de referência para orientar a viagem das almas, já que era uma crença difundida pela Europa desde a Antiguidade. Sobre isso Jean-Claude Schmitt (1999) comentou que no Medievo havia a crença de que os mortos percorreriam estradas e pontes, havendo a necessidade de deixar oferendas e preces em encruzilhadas para apaziguar espíritos agressivos ou ajudar almas perdidas.

Assim, retomando os comentários de Ariès e Minois sobre práticas cristãs de auxílio aos mortos, somando-os aos comentários de Jansson, Lund e Schmitt, consideramos que as serpentes na pedra rúnica U 629 poderiam ter tido uma função de proteção também, no sentido de afastar ameaças e males que pudessem comprometer a jornada da alma de Arngísl. E essas considerações são embasadas no estudo de Oliveira (2020), no qual demonstrou que centenas de pedras rúnicas suecas continham epitáfios cristãos, serpentes, cruzeiros e outros símbolos, os

quais somando-se seus significados é possível encontrar elementos de apotropia, condição que reafirma nossa interpretação feita para a U 629.

Considerações finais:

Após essa análise chegamos a quatro hipóteses: uma não-cristã, pautada no simbolismo nórdico da serpente a qual cogita que as serpentes poderiam ser representações de Nidhogg carregando ou capturando os mortos, e no caso, a águia que aparece acima deles, seria uma referência a águia no topo da Yggdrasil que faz contraparte a Nidhogg situado não submundo, como sugerido por Oliveira (2016) e Langer, Oliveira e Ferreira (2018).

Embora concordemos com essa hipótese, mas devido aos elementos cristãos encontrados na U 629, achamos que esses não deveriam ser desconsiderados na hora de uma análise simbólica. Por mais que a Suécia naquele tempo ainda estivesse em processo de cristianização, já havia igrejas, padres e missionários naquelas terras, inclusive na década de 1070 foi fundado o Bispado de Sigtuna, o segundo do Reino da Suécia. O que revela como o processo de cristianização daquelas terras estava bem avançado e firme. (ROS, 2008, p. 143).

Neste sentido, haja a possibilidade de que Thorfastr, caso tenha sido ele também o responsável pelas figuras e não apenas as runas, tenha se valido de simbolismos cristãos para fazer seu trabalho. Isso é perceptível na presença da cruz e na menção ao nome de Deus no epitáfio encontrado no monumento. Assim, com base neste referencial cristão sugerimos três hipóteses.

A primeira hipótese é que o casal poderia representar Adão e Eva, imagem bastante conhecida já que ambos são importantes para explicar a origem do pecado segundo a tradição judaico-cristã. Diante dessa condição sugerimos que aquelas pessoas poderiam ser uma referência a eles, atuando no sentido de instrução e lembrete para que os cristãos tivessem cuidado com o pecado. Entretanto, essa hipótese foi posta em contestação devido à condição de haver dúvida se a pessoa vestida seria uma mulher, pois sua roupa não condiz normalmente com as vestes femininas normalmente representadas para aquele período.

A partir dessa dúvida formulamos uma segunda hipótese, dessa vez ignorando o gênero dos personagens, focamos em defender que independente de ser homem ou mulher, ambos ainda continuavam a representar a ideia de pecado, e as serpentes seriam

representações do Diabo ou da maldade que aprisiona os pecadores. Com isso a imagem teria também uma função de instrução moralista, o que era uma prática comum no medievo.

Já a terceira hipótese apresenta uma junção de crenças cristãs e pré-cristãs a respeito da função de símbolos apotropaicos, pois Langer (2015, p. 139) lembra que igrejas nórdicas do século XI e XII apresentavam serpentes e dragões em seus portais, provavelmente como símbolos de proteção ou lembrete. Neste sentido, discorremos sobre a existência de apotropia na cultura nórdica medieval e que segundo alguns estudiosos apresentados, a serpente teria sido um símbolo apotropaico. A partir dessa conjectura propusemos que as serpentes na pedra rúnica de U 629 poderiam estar agindo como “guardiãs do morto”, agindo de forma a manter possíveis ameaças longe da alma que eles guardavam. Dessa forma, as pessoas representadas sendo atacadas, poderiam significar as ameaças que estavam sendo repelidas pelas guardiãs. E ressalvamos que algumas pedras rúnicas tinham essa funcionalidade, a partir dos vários símbolos presentes nelas, os quais eram combinados para gerar uma função protetora.

Por fim, nossas três hipóteses basicamente apresentam a ideia de que as serpentes ou teriam uma função de lembrete sobre o perigo do pecado, dessa forma eles conteriam um simbolismo negativo, ou elas teriam uma função apotropaica, o que lhes concederia um simbolismo positivo. Ambos os casos são possíveis devido a polivalência de sentidos atribuídos a serpente.

Referências Bibliográficas:

Fontes primárias:

- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. 12^a reimpressão [2017]. São Paulo: Paulus, 2002.
- GRIMNISMÓL, Os Ditos de Grimnír. Tradução e notas de Pablo Gomes de Miranda. **Roda da Fortuna**, v. 3, n. 2, 2014, p. 301-325.
- PHSYOLOGUS. A medieval book of nature lore. Translate by Michael J. Curley. Chicago: University of Chicago Press, 2009.
- STURLUSON, Snorri. **Edda Menor**. Traducción y notas de Luís Lerate. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

VÖLUSPÁ, a Profecia da Vidente. Tradução e notas de Pablo Gomes de Miranda. **Scandia:** Journal of Medieval Norse Studies, v. 1, 2018, p. 178-206.

Fontes secundárias:

ARIÈS, Philippe. **The Hour of Our Death**. Translated from of French by Helen Weaver. New York: Vintage Books, 2008.

BALL, Charlotte Elizabeth. 'A **creeping thing**': the motif of the Serpent in Anglo-Saxon England. Thesis in History, Departament of History, University of Leicester, 2017.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CIRLOT, Juan Eduardo. **A Dictionary of Symbols**. Translated by Jack Sage. 2. ed. London: Routledge, 1971.

COOPER, Jean Campbell. **An illustrated encyclopedia of traditional symbols**. Great Britain: Thames and Hudson, 1982.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Eva Barbada**: Ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo: Editora da USP, 1996.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A iconografia de Adão, autobiografia do homem medieval. **Revista de História**, n. 136, 1997, p. 9-24.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Modelo e Imagem. O pensamento analógico medieval. **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre** | BUCEMA, n° 2, 2008, p. 1-29.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Similibus simile cognoscitur. O pensamento analógico medieval. **Revista Medievalista**, n. 14, jul/dez 2013, p. 2-37.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. Christian or pagan? Some Reflections on the Iconography of U 448. **The Eighth International Symposium on Runes and Runic Inscriptions**, Nyköping 2-6 September 2014. Institutionen för nordiska språk vid Uppsala universitet, 2021. p. 177-192.

GRÄSLUND, Anne-Sofie. Dating the Swedish Viking-Age rune stones on stylistic grounds. In: STOKLUND, Marie [et. Al] (eds.). **Runes and their Secret**. Studys in Runology. Copenhagen: Museum Tusulanum Press, 2006a, p. 117-139.

- GRÄSLUND, Anne-Sofie. Wolves, serpents, and birds. In: ANDRÉN, Anders; JENNBERT, Kristina; RAUDVERE, Catharina (eds.). **Old Norse religion in long-term perspectives: origins, changes, and interactions**. Lund: Nordic Academy Press, 2006b, p. 124-129.
- GRÄSLUND, Anne-Sofie; LAGER, Linn. Runestones and the christian missions. In: BRINK, Stefan (ed.). **The Viking World**. London/New York: Routledge, 2008. p. 629-638.
- HANDY, Lowell K. Serpent (religious symbol). In: FREEDMAN, David Noel (ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992.
- HEDEAGER, Lotte. **Iron Age Myth and Materiality: an archaeology of Scandinavia AD 400-1000**. London: Routledge, 2011.
- HOSTETLER, Kristen Lee. Serpent iconography. **Etruscan Studies: Journal of the Etruscan Foudandtion**, vol. 10, 2007, p. 203-209.
- HUPFAUF, Peter R. **Sign and Symbols represented in Germanic, particularly early Scandinavian, iconography between the Migration Period and the end of the Viking Age**. Thesis (Doctor of Philosophy) – University of Sydney, Sydney, 2003.
- JANSSON, Sven B. F. **Runes in Sweden**. Translation by Peter Foote. 2. ed. Värnamo: Gidlunds/Royal Academy of Letters, History and Antiquities, 1987.
- KLINGENDER, Francis. **Animals in art and thought to the end of Middle Ages**. Cambridge: M.I.T Press, 1971.
- KRISTOFFERSEN, Sev. Transformation in Migration Period animal art. **Norwegian Archaeological Review**, n. 28, 1995, p. 1-17.
- LAGER, Linn. Runestones and the Conversion of Sweden. In: CARVER, Martin (ed.). **The Cross goes North: Processes of Conversion in Northern Europe, AD 300-1300**. York: York Medieval Press, 2003, p. 497-507.
- LANGER, Johnni. Dragão escandinavo. In: LANGER, Johnni (org.). **Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos**. São Paulo: Hedra, 2015, p. 138-142.
- LANGER, Johnni; OLIVEIRA, Ricardo W. M. de; FERREIRA, Andressa Furlan. O simbolismo da águia na religiosidade nórdica pré-cristã e cristã. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ano VIII, n. 23, set./dez. 2015, p. 125-162.
- LECOUTEUX, Claude. **The tradition of household spirits: ancestral lore and practices**. Translated by Jon E. Graham. Vermont: Inner Traditions, 2013.

- LUND, Julie. Thresholds and passages. The meanings of bridges and crossings in the Viking Age and Early Middle Ages. **Viking and Medieval Scandinavia**, v. 1, 2005, p 109-135.
- LURKER, Manfred. Snakes. In: JONES, Lindsay (ed.). **Encyclopedia of Religion**, vol. 12. 2. ed. Farmington: Thomson Gale, 2005. p. 8456-8460. 14v
- MANDT, Gro. Fragments of Ancient Beliefs: The Snake as a Multivocal Symbol in Nordic Symbolism. **ReVision**, vol. 23, n. 1, 2000, p. 17-23
- MARJOLEIN, Stern. **Runestone image and visual communication in Viking Age Scandinavia**. 2013. 405f. PhD Thesis (Doctor of Philosophy) – University of Nottingham, 2013.
- MINOIS, Georges. **História de los Infernos**. Traducción de Godofredo González. Barcelona: Paidós, 2005.
- MITHCELL, Stephen. Ormhäxan, Dragons, Parturition and Tradition. In: WIKSTRÖM, Klas [et. al]. **Myth, Materiality, and Lived Religion in Merovingian and Viking Scandinavia**. Stockholm: Stockholm University Press, 2019, p. 115-140.
- MUNDKUR, Balaji D. **The Cult of Serpent: An Interdisciplinary Survey of Its Manifestations and Origins**. Albany: University New York Press, 1983.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. Breve comentário sobre o simbolismo da serpente na Edda Poética. **Notícias Asgardianas**, n. 12, 2017a, p. 70-79.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. **A guardiã dos mortos: um estudo do simbolismo religioso da serpente em monumentos da Era Viking (sécs. VIII-XI)**. 2020. 272f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, 2020.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. O inferno nórdico? Um estudo interpretativo sobre Náströnd. **Plura: Revista de Estudos de Religião**, v. 8, p. 183-211, 2017b.
- OLIVEIRA, Ricardo Wagner Menezes de. **Feras petrificadas: o simbolismo religioso dos animais na Era Viking**. 2015. 127f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, UFPB, João Pessoa, 2016.
- PASTOUREAU, Michel. Símbolo. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (orgs.). **Dicionário temático do Ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002, p. 485-510.
- PRICE, T. Douglas. **Ancient Scandinavia**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- RENFREW, Colin; BAHN, Paul. **Archaeology, theories, methods, and practices**. 6. ed. London: Thames e Hudson, 2012.

- ROS, Jonas. Sigtuna. In: BRINK, Stefan (ed.). **The Viking World**. London/New York: Routledge, 2008. p. 140-144.
- SAX, Boria. **The mythical zoo: an encyclopedia of animals in world myth, legend, and literature**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2001.
- SCHMITT, Jean-Claude. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SPERBER, Dan. **Rethinking Symbolism**. Translated by Alice L. Morton. Cambridge, Cambridge University Press, 1979.
- THOMPSON, Victoria. **Dying and Death in Later Anglo-saxon gladden**. Woodbridge: The Boydell Press, 2004.
- WESSÉN, Elias; JANSSON, Sven B. F. **Upplands Runinskrifter**, vol. 3 (1949-1951). Uppsala: Almqvist & Wiksells Boktryckeri Ab, 1949. 4v
- WILLIAMS, Henrik. Runestones and the Conversion of Sweden. **Sydney Studies in Religion**, 1999, p. 59-78.
- WILSON, David M; KLINDT-JENSEN, Ole. **Viking Art**. New York: Cornell University Press, 1966.